

ENTREVISTA

[PROF. ALEX VILLAS BOAS]

José Altran¹
(equipe editorial *Último Andar*)

Alex Villas Boas é professor do Departamento de Teologia da PUC-SP. Mestre em Teologia e Literatura pela PUC-SP. Doutor e pós-doutorando em Teologia e Literatura pela PUC Rio, é professor convidado na Faculdade de Letras da Universidade de Aveiro, Portugal. Villas Boas é ainda vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia (LERTE) registrado no CNPq, e editor da Revista Brasileira de Literaturas e Teologias – Teoliterária. Para situar e enriquecer o debate temático desta edição da *Último Andar* - “Religião, Literatura e Arte” -, uma de suas áreas de domínio, convidamos o pesquisador para uma entrevista:



Último Andar: Professor Alex, conte-nos um pouco acerca de seus caminhos acadêmicos. O que mais particularmente direcionou sua atenção para estudos de religião vinculados à literatura?

Alex Villas Boas: Uma das áreas que mais me chamaram a atenção na Teologia foi Antropologia Teológica, e minha motivação de pesquisa inicial era uma tarefa lançada por um dos teólogos mais importantes do século XX chamado Karl Rahner que era pensar a

¹ Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP), pesquisador do NEMES (PUC-SP), altran@gmail.com

mistagogia (arte de conduzir outrem a experiência de Deus) a partir de uma logoterapia, ou seja, de ver a mística como lógica de conhecimento existencial capaz de descobrir na experiência de Deus uma experiência de sentido, e nas experiências de sentido algo contido no Mistério da vida, chamado Deus pela tradição cristã. Nessa tarefa, a poesia para Rahner tinha uma tarefa de escola de escuta dentro da descoberta dessa lógica de conhecimento. Assim quando comecei a elaborar meu projeto de pesquisa para o mestrado sobre a questão da experiência de Deus, o Professor Antonio Manzatto, um dos pioneiros da pesquisa em Teologia e Literatura no Brasil, me convidou a pensar a questão teológica em diálogo com a poesia latino americana. Me chamava a atenção o fato de ele ter pesquisado Jorge Amado, e como dialogava a antropologia contida na obra literária com a Antropologia Teológica. Na ocasião escolhi dialogar com Carlos Drummond de Andrade, e compreender a sua razão de recusa de Deus. Nessa razão de recusa havia uma série de questões teológicas presentes, e de modo especial uma razão de recusa de teodiceia. Nesse ínterim, houve a criação da Associação Latino-americana de Literaturas e Teologias (ALALITE) em 2007 reunindo pesquisadores do Brasil, Chile e Argentina, desde então nos reunimos a cada dois anos em um país signatário. No ano seguinte houve a criação do Grupo de Trabalho em Religião, Arte e Literatura na Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) do qual sou o coordenador desde 2010. Também em 2010 criamos, junto com o Prof. Antonio Manzatto e o Prof. Afonso Ligório, ambos da PUC SP, o Grupo de Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia (LERTE), em que organizamos anualmente uma Jornada de Estudos. No ano passado fizemos um evento de Teologia e Literatura em parceria com a Unicamp e a Universidade Católica de Portugal. Em 2009 dei continuidade a pesquisa doutoral na PUC Rio com a professora Maria Clara Bingemer quando trabalhei a questão do método e de modo especial da recepção estética da literatura na teologia e vice-versa. Em 2011 fui convidado a participar de um projeto de pesquisa na Universidade de Aveiro em Portugal chamado Teografias sobre Literatura e Sentimento Religioso de 2011 a 2013, que foi reconhecido pela FCT – Fundo de Ciência e Tecnologia como de grande qualidade acadêmica. Também em 2011, criamos a Revista Brasileira de Teologias e Literaturas – Teoliterária (<http://revistas.pucsp.br/teoliteraria/>) agora integrada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. A revista tem sido um instrumento muito importante de um diálogo crescente, reunindo pesquisadores de cerca de dez países e mais de 20 instituições acadêmicas nacionais. Este ano há dois eventos importantes para a área, a saber, a criação da Sessão Temática de Religião, Arte e Literatura no encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE). E também um

evento organizado pela University of London e o Pontifício Ateneo Sant Anselmo, em Roma, por pesquisadores que estão começando a se reunir e no qual a ALALITE foi convidada a partilhar da sua experiência pioneira.

UA: Em sua visão pessoal, qual a relevância acadêmica que o estudo da arte tem para o estudo da religião? Isto é, o que mais justifica, no plano intelectual, a aproximação destas duas práticas tão naturais à experiência humana?

AVB: Há uma convergência epistemológica entre Religião, Arte e Literatura, pois no mundo da arte e da literatura há uma centralidade antropológica e os estudos de religião, como a Teologia, se dirigem ao ser humano. De modo especial eu trabalho com questão do sentido da vida, e o papel que a cultura tem de produzir sentido. Um dos problemas da Teologia e de Ciências da Religião é a questão da linguagem, que se distancia da vida concreta. Ao dialogar com a Arte e a Literatura e com a bagagem da Teologia e das Ciências da Religião, ocorre um empréstimo não somente de uma linguagem, mas de um modo de pensar no qual se busca uma produção da presença, ou seja, uma presentificação do sentido na medida em que não se procura somente entender a obra de arte ou literária, mas se entender diante da obra, de onde emerge um desvelamento de sentido, uma epifania.

UA: Sua pesquisa de mestrado consistiu em uma investigação teológica que tomava por objeto de análise a obra de Carlos Drummond de Andrade. Quais eram suas hipóteses, e quais as conclusões da pesquisa?

AVB: A investigação teológica na poesia de Drummond tinha por objetivo a sua razão de recusa das imagens de Deus que não ajudava o indivíduo moderno a assumir as questões de seu tempo. Certa vez escrevi que Drummond não anuncia uma morte de Deus “mas exorciza seus fantasmas, aquelas imagens de Deus que se apresentam na vida das pessoas como uma grande pedra em seus caminhos. A poesia de Drummond ajuda a se desprender de imagens inadequadas de Deus. “Crer em Deus” em Drummond significava ser conivente com a condenação do mundo, com a hipocrisia estabelecida nas relações, com a usura, a subserviência, com um ufanismo cego pelo dogmatismo e pela autoridade e acima de tudo com a insensibilidade da dor humana” (IHU, 2012). Curiosamente ao recusar essas imagens de Deus também tematiza contradições do discurso religioso e nesse sentido acaba coincidindo com uma das principais tarefas teológicas, que é submeter o discurso religioso a um princípio de não contradição, como elabora, por exemplo, Tomás de Aquino. A principal contradição para o poeta mineiro parece se situar que o que dava sentido à vida era o amor, e

sua forma mais forte em sua biografia era o amor entre pai e filho. Ao analisar os discursos religiosos na trajetória da sua vida, o que ouvia sobre Deus pouco ou quase nada tinha a ver com a experiência de amar, e demais experiências da vida em que se esconde uma centelha do Mistério. Uma teologia que parte de fenômenos de sentido exige uma forma de teologia narrativa no qual a hermenêutica da obra de arte e da literatura pode convergir em uma hermenêutica teológica. Dito de outro modo, como o sentido de Deus ajuda a pensar o sentido da vida humana, assim como esta ajuda a pensar aquela questão. É bastante impressionante, por exemplo, que Drummond, apesar de sua razão de recusa teológica, tenha tido suficiente sensibilidade para apadrinhar a poesia confessional de Adélia Prado.

UA: O senhor poderia citar alguns exemplos históricos marcantes em que religiosos exerceram forte influência em artistas, ou de artistas que exerceram forte influência em religiosos?

AVB: Para a Antiguidade, o poeta era um teólogo. E poetizar mitos era uma forma de elaborar narrativas fantásticas que fosse expressão da verdade e revelação do sentido das coisas e da vida. Há no mito uma forma de metafísica, e nesse sentido Aristóteles entende que “aquele que ama o mito é de certo modo filósofo” (Metafísica I, 2, 982b 12-13). Nesse sentido, a arte e a literatura antiga estão impregnadas do religioso. Do mesmo modo, a literatura bíblica ao entrar em contato com o helenismo funde novas perspectivas, como a liturgia cristã no século III assume contornos do teatro grego, por sua concepção de drama divino em uma teologia da história. Albertino Mussato (1261-1329 d.C.) apresenta Moisés como criador da *theologia poetica*, bem como apresenta Virgílio como poeta *theologus*, o que o faz ser considerado como proto-humanista. A Renascença será com isso abundante na inspiração religiosa das temáticas artísticas e literárias, seguindo a inspiração de Mussato. O exemplo da conversão da teologia poética de Virgílio da “*Écloga 4*” para “*Écloga Messiânica*” com profecias da vinda de Cristo, em que a mitologia é vista como preparatória da verdade cristã, à maneira da literatura veterotestamentária, que no poema se confundem. Essa écloga virgilianamente cristianizada influenciou o trabalho de Dante, bem como as Sibilas, que possuem poderes proféticos entram nas pinturas renascentistas de Rafael, como na Igreja de *Santa Maria della Pace*, cujo tema é a Ressureição, e na *Capela Cistina* de Michelângelo que retrata no teto junto com a *Sibila de Cumas*, as sibilas *Prisca*, *Dafne*, *Libia*, *Sambeta* em meio aos profetas Isaías, Daniel e Ezequiel. Não se trata de uma fusão entre sagrado e profano, é muito mais de uma intertextualidade teológica. A separação de Deus da tematização filosófica é uma construção moderna, mas não se trata de negar ou assumir um

Deus de uma tradição religiosa, mas de tematizar a questão do Mistério da vida que não se esgota em uma lógica cabal. Nesse sentido Terry Eagleton, um crítico literário marxista vai afirmar que toda cultura possui uma teologia, mais ou menos tematizada, ou seja, ora mais ora menos pensada enquanto questão que faz parte da condição humana. A arte e a literatura nem sempre fizeram esse divórcio da teologia na medida em que não abondam uma sensibilidade ao Mistério, mesmo na Modernidade. Na medida em que há uma sensibilidade ao Mistério de que vida possui um excesso de sentido apesar do absurdo é que os temas religiosos são relidos dentro de uma lógica existencial, por assim dizer, de modo que a poética teológica plasmar a cultura clássica, e esta por sua vez acabou por gerar, como reação, a criação de obras literárias de *propaganda fidei*, procurando evidenciar os laços de fundação de uma Europa cristã, como em Dante Alighieri (1265-1321) e John Milton (1608-1674) em uma unidade em que não se trata somente de mero uso apologético da literatura, mas uma verdadeira fusão que sacramenta a cultura, conferindo liceidade à arte em geral e à literatura de modo específico para veicular a Teologia, como é o caso de São João da Cruz, Santa Teresa D'Ávila, Pe. Antônio Vieira, São José de Anchieta, John Donne, em que a vida também passa a ser tematizada teologicamente. Assim não só a religião provoca questões para a vida, como a vida provoca questões para a religião. A arte, e suas inúmeras expressões, constituem um modo privilegiado para isso. Assim é que, a partir da modernidade, Dostoiévski influencia Romano Guardini, Paul Ricoeur, Emmanuel Lévinas, mas também a literatura bíblica e a pessoa de Jesus Cristo em especial provoca inquietações na literatura russa, em Saramago, em Machado de Assis, Nikos Kazantzákis, Hilda Hilst, na pintura austríaca como em Gustav Klimt, os Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola influencia Miguel de Cervantes, e tantos outros casos. Roland Barthes inclusive compara a capacidade de criação de linguagem de Santo Inácio de Loyola e Marques de Sade, chamando-os de *logoteutas*. Penso que podemos classificar a arte e a literatura em três grandes categorias: confessional, transcendente não confessional e de recusa de Deus. Em todas essas formas há um diálogo com as teologias. Não se trata da possibilidade ou impossibilidade do diálogo, mas de que tipo de teologias e que tipo de arte e literatura estamos dialogando.

UA: No começo do século XX, o teólogo luterano Rudolf Otto afirmou que o numinoso da religião se assemelha muito com o excelso da arte - tanto em natureza quanto em forma de apreensão, muito embora os considere distintos. Sob uma perspectiva filosófica, o senhor consideraria razoável imaginar que arte e religião operam em instâncias semelhantes?

AVB: Depende qual arte e depende qual mentalidade religiosa. Sartre em *O que é Literatura?*, por exemplo, estabelece um paralelo entre o místico e o poeta, ambos como aqueles que sabem escutar a presença das coisas pelas palavras, aquilo que a mística chamou de epifania. Agora, penso que a categoria do êxtase usada por Otto, não seja suficiente para abarcar a retórica oriental e sua poética, diferente da retórica grega. Abraham Heschel prefere falar de uma empatia entre o poeta e o Mistério, analisando a literatura profética hebraica. Eu chamaria de êntase essa capacidade comum entre alguns poetas e alguns místicos, entendendo que a mística sempre é uma forma primeira de teologia. O próprio Heidegger vai retomar essa questão ao falar da verdade como desvelar de sentido, não como um conceito somente, mas uma experiência. Tal experiência não necessariamente é um êxtase, mas pode ser uma experiência de significação interior profunda, com efeitos terapêuticos inclusive na medida em que é um emergir de um sentido mais profundo na própria história. Essa experiência que pode ser profunda e silenciosa sequer pode ser notada por alguém de fora. A mística inaciana, por exemplo, tem muito mais a ver com a experiência estética e poética que com as experiências extáticas de algumas formas e religiosidade grega, de onde Otto extrai a categoria. Ou seja, o numinoso, enquanto epifania do mistério, é maior que a arte e a religião, e nesse sentido as formas artísticas sempre estiveram presentes no âmbito religioso, bem como uma certa espiritualidade de busca de sentido sempre teve seu lugar presente na arte e na literatura. E ambas foram alvo de tematizações filosóficas, enquanto forma de acesso a condição humana, mas historicamente essa questão ficou mais restrita ao campo religioso. Paul Tillich vai dizer nesse sentido, que toda cultura tem uma forma de religião. Hoje há o fenômeno das espiritualidades não religiosas, talvez mais precisamente de espiritualidades que valorizam tradições religiosas, mas não alimentam vínculos institucionais. Esse é um tema presente em vários filósofos como Albert Camus e Hannah Arendt que são leitores atentos de Agostinho, ou ainda autores como André Comte Sponville, Viktor Frankl, Solomon, Maria Corbí, Giorgio Agambem, Ernest Cassirer que são insuspeitos do ponto de vista institucional, e valorizam tanto um âmbito como o outro dentro da filosofia.

UA: Grosso modo, quais as diferenças principais que emergem de pesquisas envolvendo religiões com forte aparato literário e religiões orais? Particularidades teológicas marcantes emergem de acordo com os meios de expressão artística dos quais cada religião dispõe?

AVB: Há pouco apresentei uma comunicação sobre Teologia e Literatura da Migração, que é uma literatura que mantém uma tensão entre tradição e desenraizamento, e

sobre como esse processo de migração, que de algum modo é inerente à Literatura, ajuda muito na construção de uma identidade que ao mesmo tempo é lançada ao convívio com a alteridade. Na ocasião discutia como a Teologia Ubuntu, de Desmond Tutu, tem feito uso do cancionário que compõe as tradições religiosas para uma teologia pública de uma África unida, como no caso apresentava a canção Amavolovolo. Só num segundo momento é que a criação de um cânon pode ser possível, enquanto traduz a experiência histórica de um povo. Lévinas analisando Ulisses e Abraão sugere que o primeiro é o modelo de “volta ao Mesmo”, na medida em volta para Ítaca, que resulta em uma “dedução do Outro pelo Mesmo”, ao passo que Abraão é o modelo de abertura à alteridade, como peregrino. Entretanto, essa é uma temática abandonada por Lévinas, e apesar de concordar com essa lógica presente na tradição ontológica do Ocidente, um olhar mais atento a Homero, indica não um autor, mas talvez uma escola que muda muito da *Ilíada* para a *Odisseia*. Na primeira obra há uma teodiceia na qual se deve render devoção a todos os deuses para evitar maldições e as causas históricas dos eventos são substituídas por causas divinas. Na *Odisseia*, Ulisses enfrenta as divindades e tem a mediação única de Atenas, deusa da sabedoria que se torna intermediária entre Zeus e Ulisses. Havendo aí uma revisão semântica teológica apesar de manter os mesmos personagens. O mesmo se pode identificar na história de Israel e no período ágrafo do Cristianismo, no qual os textos também expressam situações históricas. Considerando a proposta de Lévinas, esse acento de alteridade pode se encontrar mais fortemente na Torah, mas na Literatura Monárquica há uma “volta ao mesmo”, no sentido de prevalecer os interesses da monarquia, e que a Literatura Profética atacou. Com a tentativa de uma teologia de unificação, certamente a recente tentativa de biblicação das religiões africanas será marcada por esse fato, de modo a ser o memorial de um momento histórico importante juntamente com os valores agregados ao fato. Com o tempo outras necessidades históricas surgem. A importância de um cânon literário ajuda a consolidar identidades e valores como, por exemplo, a Teologia da Torah, que antecede o Direito (*Mishpat*) corrige o próprio Direito sendo seu fundamento de revisão, coisa que não temos no Direito Moderno, que carece de uma Filosofia do Direito valorizada pelo povo, para fazer das leis algo de uma classe especializada. Independente de uma literatura *strictu sensu* ou não de uma religião, a recepção estética dos textos ajuda a pensar o interesse de leitura do leitor/ouvinte em questão, que tem a ver com a recepção de um texto/discurso que venha ao encontro das buscas daquele povo, bem como de recordar ou elucidar uma frustração esclarecedora que Hans Jauss usa o exemplo de um cego andando na rua e bate sua cabeça em um poste. É uma experiência frustrante, mas a partir desse momento ele consegue “ler” melhor a realidade da rua. Um

trabalho muito interessante de Eliana Malanga fala da Bíblia Hebraica como uma “obra aberta” usando o conceito do Umberto Eco, em que a história deixa o texto vivo! Nas religiões orais, o texto é a história viva!

UA: Fale-nos um pouco sobre sua história como coordenador do GT de Religião, Arte e Literatura na SOTER, em conjunto com os professores Joe Marçal Santos e Antônio Geraldo Cantarela. Quais os maiores desafios enfrentados até então, e quais as expectativas do grupo?

AVB: O Grupo de Trabalho de Religião, Arte e Literatura da SOTER nasceu em 2008, com o professor Waldecy Tenório (PUC SP), e tinha o apelido de TAL (Teologia, Arte e Literatura) fazendo um referênciã lúdica e reverente a São Francisco de Assis, que o professor Alfredo Bosi (USP) dizia ser o padroeiro da literatura italiana. Depois, em 2009, a coordenação ficou com a professora Maria Clara Bingemer (PUC Rio). E no ano seguinte fui convidado a coordenar o GT. Como eu o professor Joe (UFS) estávamos desde o primeiro encontro, assumimos a coordenação. Em alguns momentos tivemos mais de dois coordenadores, como os professores Alessandro Rocha (PUC Rio) e Carlos Caldas (IAD). E então tivemos a grata participação assídua do professor Antônio Cantarela (PUC Minas) que nos enriquece muito sendo ele da área de Letras. Do nosso GT se desdobraram vários outros GT's e FT's. E é uma alegria ver outros colegas que começaram com a gente crescendo e desenvolvendo seus próprios projetos de pesquisa, o que não nos distancia e nem impede de nos encontrarmos em outros fóruns. Uma informação muito interessante que o professor Cantarela pesquisou é que já éramos, em 2012, mais de 100 pesquisadores em teopoética e com cerca de 900 obras publicadas entre livros, artigos, anais... E de 2012 para cá houve um aumento muito expressivo. Somos um dos GT's mais procurados. A professora Brenda Carranza (UMESP) fez uma estatística em 2012 de que éramos o segundo GT mais procurado da SOTER. Isso nos deixa muito feliz!

UA: E que mudanças o senhor observa a partir de sua experiência na SOTER esses anos, tanto em relação a como os religiosos compreendem a arte em suas práticas, como em relação ao interesse dos acadêmicos pelo diálogo entre arte e religião?

AVB: Num primeiro momento havia um afã muito grande por descobrir esse universo que nos era tão grande e tão desconhecido. Descobríamos mundos nunca antes navegados, e em grande profusão, de modo que tínhamos as vezes que fazer duas sessões por dia. Depois, apesar de ainda descobrirmos coisas fantásticas, também fomos sentindo a necessidade de

discussões mais metodológicas e reduzimos o número de comunicações. Sempre é muito difícil fazer a avaliação porque tem muita coisa interessante, mas precisávamos manter uma única sessão a fim de que tivemos um fórum de discussão mais integrado. Sentimos que a questão da recepção estética estava presente desde o primeiro encontro em 2008, e com o ingresso do professor Cantarela, que também pesquisa o assunto, isso tem ficado mais acentuado. Agora pensamos em novos projetos editoriais inclusive.

UA: Pelo que se tem investigado até então, é de se suspeitar que a arte preencha lacunas de comunicação a respeito de Deus que tanto a academia quanto a própria doutrina alcançam insuficientemente?

AVB: Certamente preenche uma lacuna por ser de um gênero diferente desses dois outros, desde que ela não seja cooptada em uma relação ancilar por esses dois outros âmbitos. Costumo dizer que deve haver uma unidade sem confusão. O teólogo e o cientista da religião permanecem teólogos e cientistas da religião, na mesma medida que o crítico literário e o estudioso de literatura e da arte, do teatro, do cinema, do grafith... permanecem em seus ofícios, mas qualquer coisa do outro nesses encontros não nos permite ser exatamente os mesmos. Não creio que um âmbito possa substituir o outro, mas se complementarem. Assim nós conseguimos um corrigir os pontos cegos de percepção de um fenômeno maior e comum que é o Mistério da vida, alvo da *poiésis* e do *logos*, como modo de nos comprometer com ela.